

EDUCADOR

ISSN 1984-8668

Ano XXVIII – Nº 111



Editorial

EDUCADOR é uma revista destinada a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright @ Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36
Registro Nº 020830 no INPI

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo

Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
convicao@convicaoeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Evaneide Maria da Silva Chaprão – PB
Irenio Silveira Chaves – RJ
Kelly de Almeida F. Sodrê da Silva – RJ
Leila Regina Amorim de Matos – RJ
Lucélia de Souza Mendes – RJ
Maria do Socorro Sousa de Oliveira Silva – PI
Nelma Rosendo Campelo – RJ
Roberto Ramos da Silva – SC
Tereza Cristina Nóbrega M. Marques – PE

O reino deste mundo se torna o reino do Pai e do Filho

O tema deste ano da CBB é “Celebrando a glória do reino de Deus” e a divisa, “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso SENHOR e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15b).

Quando Jesus disse que o seu reino não era deste mundo, quis dizer que o nosso mundo físico é muito voltado para as coisas materiais, ou seja, para o nosso ego. Ele até ensinou que nós devíamos buscar primeiramente as coisas do reino dos céus, de outra dimensão, onde a traça não come, a ferrugem não corrói e o ladrão não rouba. Apesar do mundo ter-se tornado impuro pelos erros da humanidade, Deus não o abandonou e não deixou de continuar amando-o com seu amor infinito, principalmente, a nós, seus filhos.

E, quanto a Deus amar o nosso mundo, mesmo antes de criá-lo, ele já o amava. E por ser o seu amor infinito, ama-o sempre e nunca o abandonou e jamais o abandonará. O Senhor Todo-poderoso é o governante supremo do universo. Ele comanda, controla, detém todas as coisas. Sua verdade se espalhou por toda a terra. Todos tiveram a chance de fazer sua escolha. O “mistério de Deus” foi revelado à humanidade. Com a segunda vinda de Jesus, o reino deste mundo e torna-se o reino do Pai e do Filho, e juntos, como um, eles começam seu reinado eterno. Será glória para todos nós. Estaremos libertos das garras do mal. Há muito o que fazer.

A profa. Nelma Rosendo Campelo, no artigo “A responsabilidade da educação cristã no discipulado”, fala que na grande comissão somos convocados pelo nosso Senhor para três tarefas: anunciar, batizar e ensinar. Cadê a responsabilidade?

No artigo “Revolução 4.0: educador, você está pronto?”, a profa. Kelly de Almeida Fernandes Sodrê da Silva enfatiza que a revolução digital tem conduzido a humanidade a degraus bem estruturados na civilização e as igrejas precisam acompanhar essa mudança.

A profa. Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques, no artigo “Anunciando o reino de Deus: uma escala de valores”, diz que o homem pós-moderno vive em função do amanhã e se esquece das pessoas que estão perecendo.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

Expediente e editorial

- 1** O reino deste mundo se torna o reino do Pai e do Filho
Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ

2 Índice

Resenha

- 3** O incomparável Cristo
Marina Souza Gusmão – PR

Educação Geral

- 4** Decolonialidade e religião: um olhar a partir do sul
Irenio Silveira Chaves – RJ

Educação Teológica

- 8** Anunciando o reino de Deus: uma escala de valores
Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques – PE

Educação Cristã

- 12** Revolução 4.0 – Educador, você está pronto?
Kelly de Almeida Fernandes Sodré da Silva – RJ

Educação Cristã

- 15** A responsabilidade da educação cristã no discipulado
Nelma Rosendo Campelo – RJ

Educação Cristã

- 19** Entendes o que lês? Reflexões sobre hermenêutica e educação cristã
Leila Regina Amorim de Matos – RJ

Educação Cristã

- 22** A visita de Robert Raikes do século 18 à EBD no século 21 – Brasil
Maria do Socorro Sousa de Oliveira Silva – PI

Educador em Destaque

- 23** Lucélia de Souza Mendes – RJ

Para Pensar

- 24** Dicas para escrever bem
Eduardo Mayr – RJ

25 Da Mesa da Redação

Vale a pena LER de novo

- 26** O DNA do Pai
Roberto Ramos da Silva – SC

Sugestão de Livros

- 31** 1. Título: Recursos didáticos – Autora: Charlotte Estelle Vaughan
2. Título: Chuva de ideias para o ministério infantil – Autor: Cláudio Silveira
3. Título: Ministério infantil dinâmico – Autora: Lídia Barros Pierott

Última Palavra

- 32** Multiplicar líderes
Evaneide Maria da Silva Chaprão – PB



Resenha



Educação Geral



Educação Teológica



Educação Cristã



Vale a pena LER de novo



John Stott

INFORMAÇÕES

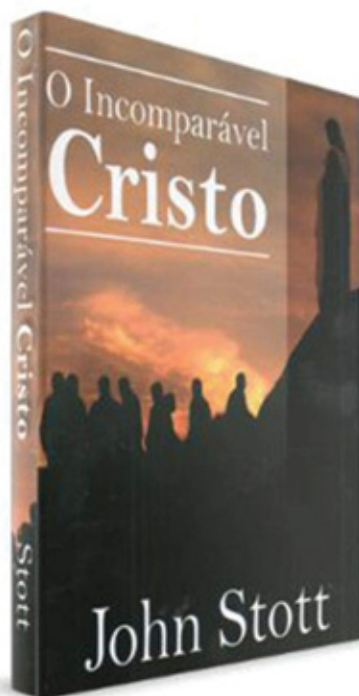
O livro “O incomparável Cristo” é uma grande obra do pastor e escritor John Stott, onde é perceptível o conhecimento profundo do autor, sendo sua ótica dividida em dois grandes pilares. O primeiro é o cristianismo histórico, mostrando a visão de vários homens que foram impactados por Jesus Cristo e sua vida devota a ele. O segundo pilar é a própria Bíblia, mais precisamente o Novo Testamento, onde ele disserta sobre cada livro incluso neste precioso compêndio e descreve a visão dos seus respectivos autores sobre Cristo, citando vários versículos que testificam o seu pensamento.

RESUMO

No primeiro capítulo, John Stott apresenta uma análise sobre o ponto de vista de cada Evangelho e suas peculiaridades, bem como o livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas que o seguem, trazendo um panorama sobre sua autenticidade e discussões teológicas. O escritor vai além e começa a identificar alguns homens da igreja primitiva, muitos considerados santos católicos, seus pensamentos sobre Cristo, suas divergências com palavras de Cristo, seu modo de vida, trazendo

uma visão sobre o que a humanidade ao longo dos séculos pensou de Cristo.

No segundo capítulo, a análise de Jesus e dos homens que o seguiram continua, todavia, sua ótica é centralizada na ênfase de cada um, a respeito do nosso Salvador, Justo Juiz, Benfeitor, Jesus Cristo. Confesso que conforme fui lendo os títulos, lágrimas escorreram do meu rosto, pois a vida de muitos homens foi totalmente devota a Jesus, a mordomia e amor para com a humanidade, profundamente impactante.



O incomparável Cristo

No terceiro capítulo, John Stott faz uma análise sobre o Apocalipse. Ele traz uma pitada de escatologia, mas não deixa de lado a centralidade de Cristo, também dissertando sobre o que outros teólogos acham sobre alguns pontos do livro e sua forma de interpretar, talvez este seja o mais pessoal e mostra a visão do autor, não como os outros capítulos que parecem ser uma ênfase de pensamento sobre a biografia dos cristãos que vieram após Jesus. O pastor traz um estudo profundo sobre o Apocalipse.

CONCLUSÃO

Ao terminar de ler não tem como não perceber a grandeza do nosso Salvador, suas várias faces em uma só pessoa, realmente nosso Deus é incomparável. Esta obra faz refletir o modo como enxergamos o evangelho e a própria pessoa de Jesus Cristo. Muito bom, pude deliciar-me com a leitura que me trouxe conhecimento, fé, esperança no meu Mestre, aumentando o meu entendimento e vendo como sou pequeno ao comparar com os heróis da fé, contemporâneos a nós citados no livro.

Marina Souza Gusmão

Membro da Igreja Batista em Curitiba, PR. Formada em Pedagogia com especialização em Administração Escolar. Professora de jovens da EBD, pós-graduação em Psicopedagogia; professora.



DECOLONIALIDADE E RELIGIÃO

Um olhar a partir do sul

A América Latina é resultado de um processo de formação que conhecemos como colonialismo. Mas um colonialismo do tipo próprio com a presença marcante de uma religião calcada na concepção sacrificial e punitiva, que exige vítimas para satisfazer as necessidades do poder. As elites sempre se valeram da religião para fortalecer as estruturas de dominação. Isso permite afirmar que a América Latina passou pelo processo histórico de descolonização, mas não experimentou ainda a decolonialidade.

A descolonização se deu com a emancipação política dos estados sul-

americanos e caribenhos, uma superação do colonialismo. Entretanto, as formas de controle econômico como também as estruturas do poder e de produção do conhecimento continuam dominadas pela mentalidade engendrada pelos colonizadores. É dessa constatação que emerge o pensamento decolonial, que procura ir além da mentalidade colonizadora, influenciada tanto pela racionalidade moderna,

AS ELITES SEMPRE SE VALERAM DA RELIGIÃO PARA FORTALECER AS ESTRUTURAS DE DOMINAÇÃO

quanto pelo sistema capitalista e pelo patriarcado.

Antes de se empreender uma análise do que seja o pensamento decolonial, é preciso fazer algumas identificações dos termos: *colonialismo*, que é estratégia de ocupação e exploração do território por europeus; *colonialidade*, que é a mentalidade engendrada que favoreceu a dominação, como uma forma de saber que valoriza as metodologias do norte e discrimina a sabedoria dos povos do sul; *descolonização*, que corresponde à superação dos processos de dominação; *decolonialidade*, que propõe a construção de uma nova epistemo-

A COLONIALIDADE SE REPRODUZIU EM TRÊS DIMENSÕES: PODER, SABER E SER

logia a partir dos saberes locais, dos povos colonizados.

A proposta da decolonialidade surgiu nos meios acadêmicos latino-americanos de ciências sociais e humanas, a fim de oferecer respostas às questões levantadas nos estudos da lógica da colonialidade tendo em vista permitir outras propostas políticas, culturais, econômicas e religiosas, o que implica novas formas de saber, novas formas de ver o mundo e novas relações. Por isso, uma das noções para entender esse processo é o que tem sido chamado de “giro decolonial”, formulado para dar conta de outras formas de vivências e produção de conhecimento, inclusive, no campo religioso.

O QUE É PENSAMENTO DECOLONIAL

A ideia do pensamento decolonial foi elaborada a partir dos debates sobre a condição pós-colonial da sociedade latino-americana, que ainda era marcado pela influência do eurocentrismo, das epistemologias do norte, incluindo-se também o pós-estruturalismo e a pós-modernidade. Os estudos se voltaram para o campo da literatura e da arte, de onde surgiu uma nova problematização, que se distingue do pós-colonialismo à medida que se percebeu uma diferença na relação entre colonizador e colonizado, como uma relação antagonica.

Essa proposta emergiu no interior do Grupo Modernidade/Colonialidade, um coletivo formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas. Esse coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século 21: a radi-

calização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”. Para esse grupo, o processo de colonização está profundamente impregnado do paradigma da modernidade racional e liberal. Veja alguns aspectos importantes do pensamento decolonial.

A) COLONIALIDADE DO PODER

Anibal Quijano, sociólogo peruano, desenvolveu o conceito de colonialidade do poder para descrever o processo pelo qual o sistema colonial foi fundado a partir de uma microfísica complexa que envolve o controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento. A colonialidade se reproduziu em três dimensões: poder, saber e ser. Como a modernidade está “intrinsecamente associada à experiência colonial, não é capaz de apagá-la: não existe modernidade sem colonialidade”, disse Quijano.

Para Quijano, a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista que se funda na imposição de uma classificação étnica da população do mundo que orienta as relações de controle e de domínio. Essa forma de compreender tem origem e se universaliza a partir da América. O capitalismo mundial foi construído a partir da classificação das noções de raça, gênero e trabalho, que fundamenta as relações de exploração e de dominação. A identificação dos povos e a caracterização de suas diferenças, tendo sempre o europeu como modelo, serviram como princípio organizador que justifica toda prática exploratória, discriminatória e excludente.

Esse pensamento é reforçado por Enrique Dussel, filósofo argentino radicado no México, para quem a modernidade é um mito que oculta a colonialidade. A civilização moderna descreve a si mesma como superior

e desenvolvida, o que lhe autoriza a agir sobre os povos mais primitivos a fim de lhes impor seus padrões de comportamento, de produção e de conhecimento. Como os povos colonizados resistem a essa dominação, isso legitima a prática da violência, que é tida como inevitável, pois consideram os povos primitivos como verdadeiros culpados que se opõem ao processo que supostamente visara a sua emancipação.

B) COLONIALIDADE DO SABER

Quijano elabora também uma concepção da colonialidade do saber, visto que “a elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado”. Ou seja, a colonização do poder se baseia numa colonização do saber.

C) GIRO DECOLONIAL

O pensamento decolonial corresponde, então, a uma virada, como um pensamento de fronteira “que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista”, disse Walter D Mignolo. Esse pensamento fronteiriço resiste às cinco principais ideologias que surgiram

A IDENTIFICAÇÃO DOS POVOS E A CARACTERIZAÇÃO DE SUAS DIFERENÇAS, TENDO SEMPRE O EUROPEU COMO MODELO, SERVIRAM COMO PRINCÍPIO ORGANIZADOR QUE JUSTIFICA TODA PRÁTICA EXPLORATÓRIA, DISCRIMINATÓRIA E EXCLUDENTE



ram com a da modernidade: o cristianismo, o liberalismo, o marxismo, o conservadorismo e o colonialismo.

O pensamento decolonial é, portanto, um discurso crítico que coloca em questão a colonialidade do poder e do saber da modernidade, mas também aponta novas esferas de produção do conhecimento. O que se pretende é contribuir para que se transcenda o pensamento hegemônico engendrado pelo processo colonizador. “O paradigma decolonial luta por fomentar a divulgação de outra interpretação que põe em evidência uma visão silenciada dos acontecimentos e também mostra os limites de uma ideologia imperial que se apresenta como a verdadeira e única interpretação”, diz Mignolo. A decolonialidade visa abrir espaços para “outros mundos” de tal forma que muitos mundos possam coexistir.

D) EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Boaventura Sousa Santos elaborou o conceito de “Epistemologias do sul” para se referir a um certo domínio da produção de conhecimento que escapa ao domínio colonial, que permite perceber a diversidade de epistemologias tanto no nível acadêmico quanto dos saberes populares. “Epistemologias do sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que

denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos”, disse Boaventura de Souza Santos. Corresponde a aprender que existe o sul, a aprender a ir para o sul e aprender a partir do sul e com o sul.

MARCAS COLONIAIS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

A colonialidade afetou decisivamente o campo da religião, estabelecendo não só formas de poder, de saber e de ser, como também de crer. O processo de colonização tratou as diferenças religiosas por meio da discriminação, da exclusão, da opressão e da eliminação, a partir de uma ação hegemônica do cristianismo europeu. Quando portugueses e espanhóis che-

A COLONIALIDADE AFETOU DECISIVAMENTE O CAMPO DA RELIGIÃO, ESTABELECIDO NÃO SÓ FORMAS DE PODER, DE SABER E DE SER, COMO TAMBÉM DE CRER

garam à América, encontraram várias civilizações com suas formas próprias de vida e de crença, mas também trouxeram grupos de outros povos, como negros escravizados, migrantes em busca de nova vida e até excluídos e perseguidos das metrópoles.

Esses grupos religiosos encontraram estratégias de resistência e de produção de novos saberes. O grande desafio dos estudos científicos em uma perspectiva decolonial é superar a pretensão de se determinar a validade de um conhecimento científico a respeito da experiência religiosa. Principalmente se tem como único princípio os paradigmas do saber ocidental. Isso corresponderia ao que Boaventura de Souza Santos chamou de “epistemicídio” e de “destruição criadora”.

Os estudos decoloniais sobre a religiosidade latino-americana têm desenvolvido algumas propostas estratégicas em andamento: a primeira é a de se buscar uma abordagem teológica que se abre para pensar a vivência da fé nos espaços públicos; a segunda é a de tratar o princípio do bem viver, que é uma cosmovisão comum aos povos originários das Américas, como perspectiva para a construção de uma nova relação de cuidado com a natureza e da convivência. Em se tratando da temática do bem viver, tem a ver com a experiência das comunidades e povos indígenas na América Latina, com um conjunto de elementos que podem nos inspirar a repensar valores e práticas da cultura contemporânea.

HERMENÊUTICA DECOLONIAL NA TEOLOGIA

É possível hoje falar de propostas teológicas decoloniais, que são as que procuram dialogar com a sociedade latino-americana a partir de suas próprias demandas e oferecer formas de interpretar as Escrituras, a doutrina e as expressões de crença que respondam as necessidades locais. As

teologias decoloniais têm se mostrado importantes para encontrar novas possibilidades de diálogo entre as diversas experiências religiosas tendo em vista enfrentar os principais dilemas da América Latina, tais como os relativos aos direitos humanos, à desigualdade social, às injustiças e à violência.

A teologia da libertação, que é uma dessas teologias, chama o exercício de resposta às interpelações da realidade latino-americana para repensar suas próprias categorias de mediação socioanalítica, que é a mediação necessária para uma teologia disposta a ouvir a sociedade com finalidades transformadoras e libertadoras. Essa mediação faz com que a teologia atue no tecido social para discernir a situação de opressão que afeta o oprimido, que é o interlocutor e o destinatário

principal de uma teologia decolonial. A teologia da libertação surgiu no interior da igreja católica, mas também em alguns segmentos protestantes voltados para o evangelho social.

Outra proposta é o da Teologia da missão integral, que procura entender a condição humana dentro de suas realidades concretas, utilizando-se das ciências sociais e humanas de um modo geral, tendo em vista levar a mensagem do evangelho de forma compreensível e aplicada à pessoa em sua totalidade. O lema é: levar o evangelho todo para todo homem e ao homem todo. Surgiu no interior do movimento evangelicalista protestante, e foi inspirado pelo documento de Lausanne.

**AS TEOLOGIAS
DECOLONIAIS TÊM SE
MOSTRADO IMPORTANTES
PARA ENCONTRAR
NOVAS POSSIBILIDADES
DE DIÁLOGO ENTRE AS
DIVERSAS EXPERIÊNCIAS
RELIGIOSAS TENDO EM
VISTA ENFRENTAR OS
PRINCIPAIS DILEMAS DA
AMÉRICA LATINA, TAIS
COMO OS RELATIVOS AOS
DIREITOS HUMANOS, À
DESIGUALDADE SOCIAL, ÀS
INJUSTIÇAS E À VIOLÊNCIA**

Há ainda as propostas teológicas que envolvem o negro, a mulher, o índio e outros grupos, sempre na perspectiva de lançar um olhar sobre a condição e o lugar em que são construídos os significados e as relações com a sociedade. Os estudos decoloniais têm recebido grande avanço nos programas de pós-graduação em Teologia e Ciência da Religião, com a produção de um número cada vez maior de artigos, livros e conferências nessa área.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

MIGNOLO, Walter D. **La Idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

Irenio Silveira Chaves

Pastor da Igreja Batista da Orla, Niterói, RJ. Professor. Escritor. Formado em Teologia pelo STBSB – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Doutor em Teologia.



A photograph showing the lower legs and feet of a person wearing dark blue jeans and bright red sneakers. They are walking on a cobblestone path. The background is a soft, hazy landscape, possibly a beach or a coastal area, with a warm, golden light suggesting a sunrise or sunset.

Anunciando o reino de Deus

Uma escala de valores

“Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como nos céus” – Mateus 6.10

A atualidade diante do dilema social que abrange a fome, a miséria, a corrupção, o uso da política como instrumento de barganha e troca, da violência gratuita e da impunidade, leva homens e mulheres a questionarem a validade do texto, de confiar e de agir conforme a Palavra. Diante

de tantos desafios podemos parar, analisar, meditar sobre um retorno ao primeiro amor e mudar?

UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA

A mensagem que Jesus ensinava reestruturava valores morais e espirituais que chamaram a atenção tanto de quem ia ao seu encontro, quanto de quem questionava sua prática religiosa. Jesus condiciona o amor

A MENSAGEM QUE JESUS ENSINAVA REESTRUTURAVA VALORES MORAIS E ESPIRITUAIS QUE CHAMARAM A ATENÇÃO TANTO DE QUEM IA AO SEU ENCONTRO, QUANTO DE QUEM QUESTIONAVA SUA PRÁTICA RELIGIOSA

como uma ferramenta de mudança para melhorar os indivíduos e suas relações interpessoais. Ele rompe com algumas práticas e assevera outras, de tal maneira que sua posição social era humilde, mas com atitude e fala de alguém que refletia autoridade, influenciando e intimidando seus ouvintes, despertando o ódio dos poderosos por se sentirem ameaçados.

O decorrer da história, ao término do ministério terreno de Jesus como humano-divino, sua ascensão ao céu, a vinda do Espírito Santo e, posteriormente, a dispersão da igreja, em face da perseguição dos judeus e do império romano, a morte de milhares de cristãos por pregarem a mensagem de salvação, seja na cruz, na fogueira, ou na arena, para impedir sua expansão e posterior institucionalização da igreja a partir de Constantino, que nunca foi cristão, surge uma igreja forte, dominadora, que perseguia todos aqueles que não professavam seus dogmas.

À medida que o tempo passou, esta igreja se fortaleceu a ponto de dominar todo ocidente, surgindo a partir daí inúmeros equívocos que envolvem adoração, vida cristã, contribuição e sustento da igreja, desvirtuando a mensagem original do senhorio de Cristo. Esse período foi chamado de Idade Média. Não mais a noiva adornada que deveria ser serva, mas aquela que deveria ser servida, e seus líderes empoderados manipulavam os fiéis, a ponto de promoverem uma perseguição aos judeus, onde quer que estivessem. Essa perseguição continuou até o presente século.

Surge, então, o segundo grande racha da Igreja Católica Apostólica Romana, que se dividiria mais uma vez e que mudou também o ocidente. A Idade Moderna trouxe inúmeras descobertas científicas importantes para o desenvolvimento social, a Revolução Industrial na Inglaterra, a Revolução Francesa, influenciada a partir da leitura dos livros de Jean Jacques Rousseau, decretaram o fim da religiosidade e da necessidade de Deus.

O Novo Mundo surge como esperança de conquistas e mudanças, como diz Castro Alves, no século 19, na poesia “O livro e a América”¹, é um passeio na história da humanidade até o momento em que vivera: “talhados para a grandeza, para crescer, criar, subir [...] vai Colombo, abre a cortina da minha eterna oficina e tira a América de lá, [...], olhando em torno então brada: tudo marcha! ... Ó Grande Deus! [...], e Deus responde MARCHAR!

Decreta-se que em breve o mundo não mais precisaria do cristianismo, decretando assim o seu fim. Para Nietzsche, o cristianismo só gerou conformismo e mediocridade. Em seu livro a “Gaia e a ciência”², ele decreta: “Deus está morto [...] nós o matamos, você e eu [...]” No “Anticristo”³, (p. 19), ele afirmou: “nada é tão doentio quanto à piedade cristã” [...] (p. 65), “no fundo só existiu um cristão e esse morreu na cruz” [...] “chamo o cristianismo a única grande calamidade [...]” (p. 116). Podemos julgá-lo e dizer que ele estava certo ou errado?

O cristianismo havia se dividido em dois blocos distintos, o cristianismo católico romano que continua até hoje com poucas mudanças, apesar de movimentos significativos, tentando resgatar seus fiéis que migraram para outros grupos religiosos, e o cristianismo protestante trazendo uma nova mensagem que envolvia liberdade de escolha, de compartilhamento, de transformação, a ponto de Gilberto Freyre, durante o período em que fora aluno do Colégio Americano Batista converter-se, pregar na Primeira Igreja Batista do Recife, afirmar que a nova igreja era um alento para os pobres,

¹ ALVES, Castro. **Espumas flutuantes** – O livro e a América. In: Poesias Completas. São Paulo: Ediouro, s.d. (Prestígio).

² NIETZSCHE. **A Gaia e a ciência** – aforismo 125. Coleção Grande Obras do Pensamento universal-45. São Paulo: Escala, 2006, p. 129.

³ NIETZSCHE. **O anticristo**. 2. ed. Coleção Grande Obras do Pensamento universal-45. São Paulo: Escala, 2006.

A SOCIEDADE PÓS-MODERNA TORNOU O SER HUMANO INDIVIDUALISTA E EGOÍSTA. PAULO ESCREVENDO A TIMÓTEO ADVERTIU SOBRE ISTO. O RELACIONAMENTO DIRETO COM O DEUS TOMOU UM RUMO DIFERENTE

pois vinha imbuída em fazê-los crescer por meio da educação, num período em que a maioria da população era analfabeta. Esse registro encontra-se em suas memórias no livro “Tempo morto e outros tempos”, que retrata sua vida dos 16 aos 30 anos.

O século 20 surge com o título de “século das luzes”, com muitas e significativas mudanças comportamentais, fomentadas por duas grandes guerras mundiais e outros tantos conflitos que têm dizimado seres humanos. Mas, com ele também veio o desenvolvimento científico, tecnológico, das ciências humanas, dos movimentos sociais voltados para a aceitação do outro como indivíduo com direitos e deveres, a velocidade da proliferação científico-tecnológico, o acesso aos bens de consumo de massa, carros, computadores, telefones, celulares, medicamentos e novas tecnologias para sanar doenças fatais, e o surgimento de outras ainda mais complexas.

O cristianismo não deixou de existir. Deus continuou sendo necessário para a humanidade. Movimentos como “Jesus Cristo está voltando”, “Cristo a única esperança” aqueceram o trabalho evangelístico. Ensinamos tanto sobre o senhorio de Cristo, que ele deveria estar no centro e o nosso eu deveria estar subordinado à sua vontade.

Porém, esta evolução ao mesmo tempo em que promoveu melhoras em todos os níveis da sociedade, também tirou os indivíduos do trilho e os distanciou ainda mais de Deus. A

PÚLPITOS QUE PREGAM MENSAGEM PSICOLÓGICAS, DE AUTOAJUDA, OU AO CONTRÁRIO, MENSAGENS CHEIAS DE CONDENÇÃO E MEDO DA MORTE. PREGA-SE A MORTE COMO VEÍCULO PARA FAZER OS INDIVÍDUOS ACEITAREM JESUS, USANDO COMO INSTRUMENTOS O MEDO E A DOR. O CRISTÃO É UM SER DO SEU TEMPO

sociedade pós-moderna tornou o ser humano individualista e egoísta. Paulo escrevendo a Timóteo advertiu sobre isto. O relacionamento direto com o Deus tomou um rumo diferente. Dessa vez, sua atribuição maior é aquele que suprirá suas necessidades, que lhes dê sucesso profissional, cura física; sua função é torná-los sempre felizes etc.

O DESAFIO DO SENHORIO E A NOVA ESCALA DE VALORES

O senhorio de Cristo esvaziou-se diante de uma igreja pálida, baseada em movimentos para atrair mais fiéis. A evolução social afastou o homem de Cristo e da igreja. A sociedade globa-

lizada encurtou distâncias, popularizou mercadorias e meios para se viver dentro do ideal “do sonho americano”, como parâmetro de conquista social e segurança financeira etc. O evangelho foi trazido a nós por eles. O modelo ideal e exigido é sermos cidadãos do mundo, interagindo em todos os possíveis setores do mundo capitalista, e não mais restritos à sociedade local. Consequentemente, a perda da identidade étnica, moral e ética. Valores anteriormente inquestionáveis tornaram-se questionáveis e desnecessários.

Púlpitos que pregam mensagem psicológicas, de autoajuda, ou ao contrário, mensagens cheias de condenação e medo da morte. Prega-se a morte como veículo para fazer os indivíduos aceitarem Jesus, usando como instrumentos o medo e a dor. O cristão é um ser do seu tempo.

Os cultos tornaram-se recheados de muita música de qualidade questionável, com muito barulho, muitas palmas, vozes afinadas, cuja função é agradar a plateia que ali comparece para assistir ao culto. A reverência foi substituída por alaridos, assobios, gritos como se estivéssemos num show. *Buscar em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça tornou-se pesado demais, comprometido demais. A meditação na Palavra não é levada a sério, nunca tivemos tantas Bíblias, das mais*

O HOMEM PÓS-MODERNO VIVE EM FUNÇÃO DO AMANHÃ, DE AGENDAMENTO DE COMPROMISSOS, CURRÍCULOS, APARÊNCIAS E, NO ENTANTO, CONTINUA INSATISFEITO E INFELIZ, EM BUSCA DA FELICIDADE A TODO CUSTO

diversas traduções, e perspectivas de uso e temas diversos, e tão pouca profundidade e conhecimento. O preço a ser pago é alto demais. Pregar sobre salvação, vida eterna, santificação, justiça está rodeado de melindres.

A moda agora são os “desigrejados”, “gente cansada de igreja”, “decepcionados com Deus”. Vende-se um evangelho de sucesso, conquistas, de supercrentes que não adoecem, que não têm problemas financeiros ou familiares. Esquecem que Jesus afirmou que *cada um carregasse a sua cruz, e o seguisse*.

Viver na sociedade pós-moderna implica respeitar as diferenças, numa hermenêutica que não se limite a literalidade, defendem alguns cristãos. Concordo com eles, porém, começamos pela ideia do Estado laico, que não se envolve com questões religiosas e dá acesso a todos os grupos, a partir de leis que determinam a aceitação e o respeito a diversidade e, para isso, há um projeto tramitando na Câmara de Deputados, em Brasília sobre a proibição de se pregar contra a homossexualidade. Esquecem-se de que a sociedade não é laica; os indivíduos idem.

Vivemos momentos conflitantes. O homem pós-moderno vive em função do amanhã, de agendamento de compromissos, currículos, aparências e, no entanto, continua insatisfeito e infeliz, em busca da felicidade a todo custo. Nunca tivemos tanta produção de alimentos e tanta gente faminta.



NUNCA TIVEMOS TANTA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E TANTA GENTE FAMINTA

Esqueceu da tônica da mensagem: “as demais coisas vos serão acrescentadas”. Corremos tanto, trabalhamos tanto para conquistar coisas e posições para “comprarmos o que não se queremos, com dinheiro que não temos, para agradar a quem não gostamos”⁴. Pior, para nos enquadrarmos e sermos aceitos em determinados grupos sociais.

Jesus não incentivou o ócio; ao contrário, ele se envolveu em questões sociais importantes, era carpinteiro, e sobreviveu do seu trabalho até o início de seu ministério. “Não andeis ansiosos” não implica comodismo, preguiça, mas não colocar todo o nosso esforço, tempo, saúde física e emocional esquecendo de viver. O primeiro lugar dado ao Senhor implica saber usar o tempo, o conhecimento, as habilidades aprendidas não apenas para usufruto próprio, mas em direção ao que necessita. Implica também parar e refletir o que se está fazendo, e mudar, tomar um novo rumo. Paulo nos admoesta em 2Timóteo 3.14-16 que prossigamos no caminho em que aprendemos desde a nossa infância, pois “toda Escritura é divinamente inspirada por Deus [...]”.

CONCLUSÃO

A mensagem no Evangelho de Mateus convoca a repensar o mundo e tudo o que há de bom e ruim para a humanidade em todas as épocas, diante dos problemas sociais, das crises, das doenças, da violência, da fome, da ignorância religiosa, da imoralidade. O grande desafio é não se perder. Não perder a identidade cristã em meio a tantas carências, tantas necessidades. Não desanimar a ponto de desfalecer, de desistir da vida, de lutar. Sim, lutar para contribuir para



um mundo melhor, pois isto é ordem do Senhor, por meio do nosso trabalho, do nosso testemunho. Viver não é fácil, mas é importante confiar no Altíssimo, buscar sua presença, aprender a confiar em suas possibilidades de fazer o bem, e o melhor para si e para o próximo. Vencer o mal com o bem, apesar de, no íntimo, muitas vezes, desejarmos usar das mesmas armas. Aprender sempre, aprender a crescer e a aprender a mudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Clifiton. **Comentário bíblico de Broadman**: Novo Testamento. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. Vol. 8.

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes** – o livro e a América. In: Poesias Completas. São Paulo: Ediouro, s.d. (Prestígio).

AZEVEDO, Israel Belo. **Gente cansada de igreja**. São Paulo: Hagnos, 2010.

BIBLIA SHEDD. Editor responsável Russell P. Shedd. Versão João Ferreira de Almeida. 2. ed. revisada. São Paulo: Vida Nova/Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Tempos mortos e outros tempos**. São Paulo: Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.

NIETZSCHE. **A Gaia e a ciência** – aforismo 125. Coleção Grande Obras do Pensamento universal-45. São Paulo: Escala, 2006, p. 129.

_____. **O anticristo**. Coleção Grande Obras do Pensamento universal-45. 2. ed. São Paulo: Escala, 2006.

Tereza Cristina Nóbrega Mendes Marques

Membro da Igreja Batista Emanuel em Boa Viagem, Recife, PE. Bacharel em Teologia – Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, 1982. Convalidação em Teologia – Faculdade de Teologia Integrada – FATIN, 2009. Mestrado institucional em Teologia – Seminário Teológico de Missões Mundiais, 2003 (curso livre). Licenciatura em Filosofia – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2005. Pós-graduação lato sensu – Implantação e Gestão Escolar – Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE-SE, 2005. Pós-graduação em Docência de ensino superior – Faculdade de Teologia Integrada – FATIN, 2008. Pós-graduação em Ciência das religiões – Faculdade de Teologia Integrada – FATIN, 2008. Mestrado em Ciência das Religiões – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa, Portugal, 2012. Em processo de reconhecimento pela UFRJ. Suplente no Conselho Diretor da Igreja Batista Emanuel em Boa Viagem. Corista. Professora no Seminário de Educação Cristã – SEC.

⁴ Citação Ad-têmporal.